



LETRAMENTOS PARA LIBERDADE: EXPERIÊNCIAS DE ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL DE ADULTOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Mariangela Camba¹

Janaina Melques Fernandes²

Cecilia Doracy Ulrich Regis³

Ilma Cantuária Alves Melo⁴

Júlia Solé Ubeda⁵

Laila Vitória dos Passos A. Pereira⁶

Maria Lúcia Gomes Barbosa⁷

INTRODUÇÃO

Trata-se do relato de experiência sobre o primeiro semestre do projeto de extensão Letramentos para Liberdade, iniciado em agosto de 2020, com objetivo de propiciar o letramento e a inclusão digital de adultos a partir da práxis educativa freireana. A proposta desenvolve-se durante o processo de formação na licenciatura de Pedagogia. Tem como participantes professoras e estudantes do curso que, ao se questionarem sobre os desafios da aprendizagem durante a pandemia de Covid-19, propuseram viver a práxis educativa inspirada nas obras de Paulo Freire, considerando a utilização de recursos digitais para sua realização diante do contexto pandêmico e de distanciamento social.

¹ Professora Doutora em Educação - Unimes - SP.

² Professora Mestre em Educação - Unimes - SP.

³ Professora graduada em pedagogia e mestranda em Educação - Unimes - SP.

⁴ Graduanda em Pedagogia - Unimes - SP.

⁵ Graduanda em Pedagogia - Unimes - SP.

⁶ Graduanda em Pedagogia - Unimes - SP.

⁷ Graduanda em Pedagogia - Unimes - SP.



Em uma sociedade letrada, a interação por códigos da linguagem escrita constitui prática fundamental para a participação social. Segundo o Inaf⁸ de 2018, no Brasil existem aproximadamente 38 milhões de jovens e adultos, ou seja, 29% das pessoas encontram-se à margem das práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Tais pessoas são consideradas analfabetas funcionais, isso significa que possuem dificuldades de entender e de se expressar por meio de letras e números em situações cotidianas, como reconhecer as informações de um bilhete.

É diante deste contexto que o projeto nasce, a partir do questionamento: “é possível propiciar o letramento e a inclusão digital a partir da práxis educativa freireana, utilizando-se de recursos digitais como o WhatsApp?”. Entre os motivos que suscitam tal questão estão os dados relacionados ao uso das redes sociais por analfabetos funcionais. Entre eles, 86% usam WhatsApp e 72% são adeptos do Facebook (FAJARDO, 2018).

O processo de formação e realização do projeto se desenvolve a partir de duas ações que ocorrem simultaneamente:

1. Encontros formativos virtuais com estudantes e professoras do curso de Pedagogia.

a) para conhecer e refletir sobre a pedagogia freireana, mais especificamente seu método de alfabetização;

b) para planejar e avaliar as práticas de letramento realizadas com educandos voluntários.

2. Encontros virtuais e atendimento com educandos voluntários. Essa ação se desenvolve a partir da interação entre uma dupla de educadoras para cada educando por meio de conversas e videoconferências no WhatsApp.

⁸ O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) é uma pesquisa em parceria do Instituto Paulo Montenegro com a ONG Ação Educativa, realizada com o apoio do IBOPE Inteligência, e tem a finalidade de avaliar o nível de alfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos, verificando suas habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática aplicadas ao cotidiano.



AS LIÇÕES DE ANGICOS: OS FUNDAMENTOS PARA A CAMINHADA

O elemento disparador para fundamentar as ações pedagógicas do projeto foi a experiência idealizada por Freire, conhecida como “as 40 horas de Angicos”. Para conhecer as etapas do seu método, além do estudo das obras “O que é método Paulo Freire” (BRANDÃO, 2013) e “Educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1967), foram pesquisados documentos e registros digitalizados das experiências em sites (INSTITUTO PAULO FREIRE, n.d.).

Dentre as lições de sua pedagogia, destacam-se os procedimentos e princípios que alicerçam a experiência aqui relatada.

a. o diálogo entre educador e educando

O diálogo apresenta-se como prioridade na práxis educativa, de forma a dar voz aos educandos, respeitando seus saberes e experiências. O papel da educadora consiste em dialogar com o educando sobre situações de sua realidade para tornar significativo o material a ser desenvolvido e utilizado na construção do seu conhecimento.

b. o levantamento do universo vocabular

Consiste na primeira ação que deve acontecer depois de os educandos aceitarem envolver-se no processo de alfabetização. Para tanto, é necessário atentar e ouvir o que o outro tem a dizer, encontrar e identificar palavras que trazem significado para o educando e sua comunidade. Dessa maneira, as educadoras conhecem o repertório de fala do sujeito que aprende e a partir deste levantamento, a metodologia é desenvolvida.

c. a seleção das palavras geradoras

Refere-se à ação de identificar e selecionar palavras significativas para os educandos. São palavras que geram o diálogo e compartilhamento de saberes sobre a palavra representada. Assim, inicia-se o processo de alfabetização.



d. círculo de cultura

É no entendimento de que não há pessoa sem cultura e de que os diversos saberes devem ser legitimados - e não apenas a de uma classe ou grupo -, que o círculo de cultura se faz presente, substituindo a "sala de aula" e a "turma de alunos", superando a estrutura autoritária do encontro educativo. Cada educadora representa uma companheira alfabetizada, que participa de diálogos e atividades em que todos se ensinam e aprendem (BRANDÃO, 2013). Neste projeto, os círculos de cultura representam os atendimentos individuais entre dupla de educadoras e cada educando.

CAMINHOS DIGITAIS PARA LIBERDADE: OS PROCESSOS PARA O LETRAMENTO

A formação iniciou-se em agosto de 2020 com encontros semanais on-line, realizados pelas autoras deste artigo. As reuniões, a princípio debruçadas no estudo do método de alfabetização de Freire, fundamentaram o planejamento e a criação de práticas de letramento realizadas com educandos. Em paralelo, foram organizadas ações para atrair voluntários que estivessem dispostos a percorrer essa desafiadora trilha conosco, desbravando os modos possíveis de aprender e ensinar sobre o mundo das palavras e das tecnologias digitais.

De início, cinco pessoas aceitaram participar do projeto como educandos. Apesar de uma inicial expressão de vontade em aprender, os primeiros encontros virtuais já expressaram os muitos desafios a serem superados para evitar evasão. Os motivos que levam a tal situação são muitos, sobretudo o sistema supressor, que exclui os educandos, fazendo com que acreditem serem incapazes. Nesse sentido, cada encontro se apresenta como um paradoxo, por ser potencialmente motivador, e, também, um obstáculo, se for interpretado como mais uma experiência de fracasso.

Todos os contatos foram feitos virtualmente, ora por chamada de vídeo,



ora por mensagens de áudio. Os diálogos foram conduzidos com intenção de gerar confiança para o levantamento vocabular e a seleção das palavras geradoras. Passamos, então, pelo processo alfabético, enviando pequenas mensagens escritas, tais como: "OI, TUDO BEM? BOM DIA, BOA TARDE". A utilização de áudio via WhatsApp se apresentou como recurso fundamental para a decodificação da escrita.

Além dos encontros ao vivo, tarefas também começaram a ser encaminhadas, tal como o envio de pequenos textos relacionados ao universo vocabular de cada educando, com fotos da escrita das educadoras seguidas por mensagem de áudio, com a leitura das palavras, para que pudessem ser associadas pelos educandos.

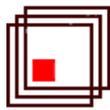
Ao final do ano de 2020, apenas dois educandos permaneceram confiantes em seus processos de aprendizagem. Diante dos desafios apresentados, percebe-se a relevância do compromisso para com o educando e do educando.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA

Como considerações constata-se que as educadoras participantes do projeto reconhecem o valor da investigação teórica, sobretudo ao se defrontar com um desafio prático, potencialmente transformador. Dessa maneira, o projeto tem se constituído como uma experiência de aprendizagem significativa para a formação docente, tanto para as estudantes quanto para as professoras participantes.

Os atendimentos individualizados com o educando oportunizam a produção de planejamento participativo ao considerar a rotina e as necessidades de cada sujeito envolvido.

A continuidade da participação dos educandos apresenta-se como um desafio diante das condições de distanciamento social e impossibilidade de encontros presenciais. A relação entre educadora e educando deve se amparar na confiança e no diálogo que, na virtualidade, se torna menos eficaz, sobretudo



quando os sujeitos se encontram à margem das práticas sociais de leitura.

Diante do contexto, foi observado que os educandos que mais dialogam com suas educadoras conseguiram avançar no processo de letramento, iniciando sua participação nas práticas sociais de leitura e escrita, como registro de bilhetes e listas de compras.

Perante as aprendizagens de todos os participantes, são maiores os desejos de inclusão e libertação, assim como é maior a consciência de que há muito a aprender e construir. Seguimos para o novo, a partir da escuta, do diálogo e da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA. INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)**: estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. São Paulo: Ação Educativa; IPM, 2018. Disponível em: <<https://acaoeducativa.org.br/publicacoes/inaf-mundo-do-trabalho/>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 34ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2013.

FAJARDO, V. **Como o analfabetismo funcional influencia a relação com as redes sociais no Brasil**. BBC News Brasil, nov. 2018.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Memorial Virtual Paulo Freire**, 2020. Linha do Tempo. Disponível em: <<http://www.memorial.paulofreire.org/>>. Acesso em: 26 set. 2020.